



Matemática e Arte

por Cristina Vaz

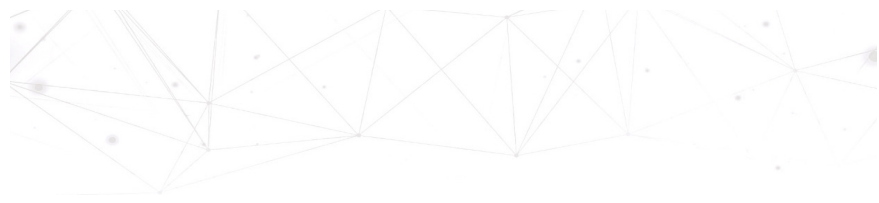
Livro-objeto: a forma que fala

Ver diferente é a condição necessária para continuar a ver.
Gaston Bachelard.

Os *Livros-objeto* rompem as fronteiras que circunscrevem o livro em sua forma tradicional, extrapolam o conceito livro e se assumem como objetos de arte. Apresentam-se como uma forma alternativa, uma terceira linguagem que ocupa um vazio entre a literatura e as artes plásticas. São poemas visuais, trabalhados em função da espacialidade e pelo que há de matéria em suas constituições. Têm fôlego e capacidade de indagar as conexões estruturais entre escrita e imagem (MIRANDA, 2006).

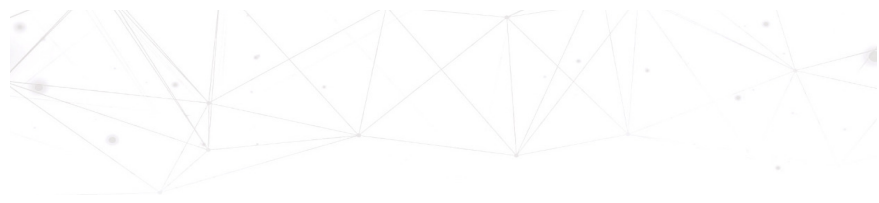
As palavras e imagens há muito dialogam entre si, constituindo uma relação complementar. As palavras sempre mostraram a capacidade de serem constituidoras de imagens mentais, ao mesmo tempo em que imagens solicitam, em certos momentos, justificativas verbais. No campo da literatura, podemos constatar que tudo são imagens, linguagem que se faz figura a desafiar a interação do leitor com o texto. A poesia concreta vai mais além. Nela, o próprio poema se faz imagem, evidenciando no significante uma outra potencialidade que reside em sua visualidade.

Há uma significativa história de inúmeras experiências no campo das artes no sentido de explorar as qualidades expressivas dos Livros-objeto, não só em caráter nacional, mas internacional e em diversos momentos.



No Brasil, estas experiências nascem do encontro entre poetas e artistas plásticos nos períodos Concreto e Neoconcreto nos anos 50/60. Foi uma comunhão verbo/visual entre literatura e arte. Criaram um deslocamento da sintaxe tradicional e formularam uma poética visual para o texto, explorando a forma enquanto narrativa. Em decorrência desse período, surgem os *Livros-objeto* de Augusto de Campos e Julio Plaza (*Poemóviles*, *Objetos Poemas* e *Caixa Preta*). A década de 70 ofereceu um cenário que permitiu múltiplas pesquisas a partir deste conceito, fazendo com que os artistas explorassem as diferentes possibilidades de expressão. A ideia era acionar de maneira permanente os mecanismos de experimentação. Lygia Clark, Artur Barrio, Antônio Dias, Mira Schendel, Waltercio Caldas, Alex Hambúrguer, Renina Katz e Lygia Pape são alguns dos artistas brasileiros que produziram *Livros-objeto*.

Mas o que é um *Livro-objeto*? É a negação de qualquer objetividade. Uma estrutura expressiva não-discursiva, não-ilustrativa, com ênfase nos aspectos formais, que se funda no confronto de imagens e palavras. Nesse encontro, a narrativa plástica ganha destaque. É uma lente de aumento que capta o que é sutil e fragmentado, evidenciando relações tênues. Tem vocação para ser nômade, não quer ter território. Não teme a ambivalência ou a contradição. São esses os campos imaginários das tensões que possibilitam o desenvolvimento das novas concepções. A linguagem se constitui num terreno pantanoso, mas que, de forma frequente, é de onde nascem as ideias inovadoras. Nada quer resolver, quer manter os ruídos, é configuração de uma nova expressividade. São estruturas marcadas por um gosto essencialmente antinarrativo em que a figuração narra através da cor, do corte, da construção, das relações, sem assumir caráter dissertativo ou explicativo. Formula um discurso mudo, uma silenciosa transgressão, uma narração antinarrativa.



Estes livros são objetos táteis-sensoriais dotados de espacialidade, estruturas híbridas. Suscita interdisciplinaridade e transita no mundo das ideias, das articulações intelectivas, dos refinamentos conceituais. Os *Livros-objeto* continuam existindo para serem lidos, mas numa perspectiva mais abrangente. São objetos transgressores que exigem do espectador que entre no jogo do “ler vendo” ou “ver lendo”, completando o trânsito entre a imagem-ideia e a ideia-objeto. Um trabalho que busca diálogo já que o elemento-livro requer leitura e o elemento-objeto exige plasticidade e impõe-se como matéria dotada de significação. É uma prática artística e a prática artística não tem, nem quer ter um estatuto ou instituto, não é um valor de troca ou uso. Não é possível aferir-lhe nenhum valor a partir do que lhe seja estranho. É sempre um entretempo, um entrelugar, é transe o que ela produz e o que nela se produz e se funda essencialmente na linguagem, que é sempre presença na obra. É ela que nos fala em todos os encontros e desencontros, realizações e irrealizações, proximidades e distâncias. As relações interativas se constituem como tempo e lugar, como exercício da própria caminhada, da interação em si que faz com que a linguagem se realize de modo pleno.

O trabalho de arte cria sua própria gramática e seu próprio dicionário. Seu objetivo maior é potencializar as ideias. Não é apenas transmitir algo, mas fazê-lo com qualidade e de forma inventiva. O artista faz linguagem para generalizar e regenerar conceitos e sentimentos. A linguagem é pensamento e falar em diversos níveis, seja verbal ou através de imagens, indica um modo de pensar e sentir. O artista, antes de tudo, é um ser de linguagem. É por isso que um trabalho nunca se esgota. Ele gera possibilidades de interação que se movimentam circularmente.